

## É índio ou não é índio?

Daniel Munduruku

Certa feita tomei o metrô até a praça da Sé. Eram os primeiros dias que estava em São Paulo e gostava de andar de metrô e ônibus. Tinha um gosto especial em mostrar-me para sentir a reação das pessoas quando me viam passar. Queria poder ter a certeza de que as pessoas me identificavam como índio a fim formar minha autoimagem.

Nessa ocasião a que me refiro, ouvi o seguinte diálogo entre duas senhoras que me olharam de cima a baixo quando entrei no metrô:

- Você viu aquele moço que entrou no metrô? Parece que é índio - disse a primeira senhora.

- É, parece. Mas eu não tenho tanta certeza assim. Viu que ele usa calça jeans? Não é possível que ele seja índio usando de branco. Acho que não é índio de verdade - retrucou a outra senhora.

- É poder ser. Mas você viu o cabelo dele? É lisinho, lisinho. Só índio tem cabelo assim, desse jeito. Acho que ele é índio, sim - defendeu-me a primeira.

- Sei não. Você viu que ele usa relógio? Índio vê a hora olhando para o tempo. O relógio do índio é o sol, a lua, as estrelas... Não é possível que ele seja índio - argumentou a outra.

- Mas ele tem o olho puxado - disse a primeira senhora.

- E também usa sapatos e camisa - ironizou a segunda.

- Mas tem as maçãs do rosto muito salientes. Só os índios tem rosto desse jeito. Não, ele não nega. Só pode ser um índio, e parece ser dos puros.

- Não acredito. Não existem mais índios puros - afirmou cheia de sabedoria a segunda senhora. - Afinal, o que um índio estaria fazendo andando de metrô?

Índio de verdade mora na floresta, carrega arco, flecha, caça, pesca, planta mandioca. Acho que não é índio coisa nenhuma...

- Você viu o colar que ele está usando? Parece que é de dentes. Será que é de dentes de gente?

- De repente até é. Ouvi dizer que ainda existem índios que comem gente medrou a segunda senhora.

- Você não disse que achava que ele era índio? Por que está com medo?

- Por via das dúvidas...
- O que você acha de falarmos com ele?
- E se ele não gostar?
- Paciência... Ao menos nós teremos as informações mais precisas, você não acha?
- É, eu acho, mas confesso que não tenho muita coragem de iniciar um diálogo com ele. Você pergunta? - Isto dito pela segunda senhora que, a esta altura, já se mostrava um tanto constrangida.
- Eu pergunto.

Eu estava ouvindo a conversa de costas para as duas e de vez em quando ria com vontade. De repente, senti um leve toque de dedos. Virei-me. Infelizmente, elas demoraram a chamar-me. Meu ponto de desembarque estava chegando. Olhei para elas, sorri e disse:

- Sim!

MUNDURUKU, Daniel. O banquete dos deuses. São Paulo, Global, 2009.